

A INFLUÊNCIA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO AMBIENTE DE ENSINO

THE INFLUENCE OF PEDAGOGICAL PRACTICES IN THE TEACHING ENVIRONMENT

Maria Eduarda Pereira Nunes¹ 

Ugo Andreata Galimberti² 

Resumo: A educação é um ato social que objetiva desenvolver na criança desde cedo um número de estados físicos, morais, intelectuais, e transmitir a bagagem cultural da sociedade à qual ela pertence. O meio físico em que a criança está inserida influencia no seu processo de desenvolvimento emocional e intelectual, dessa maneira, ao desenvolver um espaço de aprendizado, deve-se levar em conta que aquele ambiente pode estimular ou desestimular o processo de ensino e aprendizado. Existe uma gama de linhas pedagógicas aplicadas na educação das crianças, as quais possuem focos e métodos diferentes. Para o correto emprego dessas abordagens, é necessário que o local de aprendizado seja condizente com as técnicas ali desenvolvidas. Portanto, é essencial compreender estas diferentes abordagens pedagógicas e suas influências no espaço físico educacional, para que a arquitetura ajude a potencializar o processo da educação, fornecendo ambientes estimulantes e que supram as necessidades dos estudantes.

Palavras-chave: Educação. Ambientes de aprendizado. Práticas pedagógicas. Espaço físico.

Abstract: Education is a social act that aims to develop a number of physical, moral and intellectual states in children from an early age, and to transmit the society's background from which they belong. The physical environment in which the child is inserted influences their emotional and intellectual development, therefore, when developing learning environments, it must be taken into account that the environment could be encouraging or discouraging the teaching and learning process. There is a range of pedagogical practices applied to children education, which have different focuses and methods. So that these approaches are correctly applied, the physical surroundings must be consistent with the techniques employed. Therefore, it is essential to understand these different pedagogical approaches and their influences on the learning environment, so that architecture helps to enhance the education process, providing stimulating environments in which students' needs are met.

Keywords: Education. Learning environments. Pedagogical practices. Physical space.

¹ Acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo do Instituto Federal do Paraná – IFPR, Campus Umuarama. mariaeduardapereiranunes2@gmail.com

² Mestre e Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo do Instituto Federal do Paraná – IFPR, campus Umuarama. ugoag@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O ambiente escolar pode ser visto como um dos principais agentes de socialização, tendo papel de não só disseminar conhecimentos, mas também de difundir os valores sociais e culturais das gerações. Com isso, o espaço escolar é onde ocorrem as primeiras interações sociais em maior escala; é nesse local que é mostrada a importância do convívio em sociedade. Ademais, o espaço físico influencia o comportamento dos usuários, e tende a mediar direta ou indiretamente os desdobramentos dessa influência. Sendo assim, é necessário que o espaço seja trabalhado de forma a potencializar as relações ali desenvolvidas, tornando-as mais agradáveis.

Sabe-se que o espaço interfere nas relações e percepções humanas, especialmente ambientes escolares e de longa permanência. Com isso, a designação de um modelo educacional ou pedagógico deve levar em conta as intenções do ensino-aprendizagem e a capacidade de seu desenvolvimento no espaço. Diferentes pedagogias carecem de diferentes atributos para o desenvolvimento da educação.

Segundo Kowaltowski (2011), a escola possui grande importância social, pois constrói indivíduos que posteriormente poderão torná-la mais justa e igualitária. Ainda assim, é comum notar certas carências nos ambientes escolares dedicados às fases da infância, como a falta de espaços recreativos, de oportunidades para realizarem atividades complementares, e o escasso contato com a natureza (ELALI, 2003). Dessa forma, é importante compreender os ambientes de aprendizado para suprir suas demandas programáticas e pedagógicas, oferecendo aos alunos um local em que suas necessidades cognitivas, físicas e emocionais sejam desenvolvidas.

Dessa maneira, a questão levantada é: como o ambiente físico pode responder às necessidades pedagógicas contemporâneas? O presente artigo tem como objetivo relacionar a arquitetura escolar com as práticas pedagógicas, tecendo distinções ou aproximações entre os tipos espaciais necessários para a materialização do ensino-aprendizagem segundo suas variações metodológicas.

Para isso, a metodologia utilizada para a realização dessa pesquisa consiste na análise de materiais bibliográficos acerca das linhas pedagógicas, com enfoque na forma de transmissão de conhecimentos, e suas influências no espaço. Também

foram realizadas análises de projetos escolares para melhor exemplificar as aplicações das metodologias nos espaços.

2 ARQUITETURA ESCOLAR X PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Historicamente, os ambientes de aprendizado têm expandido seu significado para além de uma simples edificação, representando um marco cultural, social e afetivo. Tais ambientes, assim como os lares e outros meios de convívio, atuam no processo de desenvolvimento da criança (KOWALTOWSKI, 2011). Por muitos anos, o desenho de escolas se estagnou em um modelo tradicionalista, onde o ponto focal é o professor. Essa estrutura pedagógica e social reverbera no ambiente físico, tornando as salas de aula em ambientes rígidos, e com a disposição espacial hierarquicamente voltada ao educador (YOUNG; CLEVELAND; IMMS, 2020).

Atualmente, há uma maior aspiração em se aplicar linhas pedagógicas que invertem os papéis dos protagonistas dentro da sala de aula, porém, a implantação dessas abordagens é dificultada devido às configurações existentes e mais rígidas (YOUNG; CLEVELAND; IMMS, 2020). Mizukami (1986), aborda sobre como as diferentes abordagens pedagógicas possuem potenciais explicativos distintos. Existem vertentes que se utilizam da aproximação do trabalho prático com a teoria como meio de superar os padrões arcaicos do receituário pedagógico, incentivando a observação, análise e questionamento do cotidiano.

Para que isso seja possível, o projeto pedagógico deve possuir conexão com o arquitetônico, de modo a fornecer espaços capacitados para o desenvolvimentos das atividades propostas, auxiliando no processo de desenvolvimento do ensino, da aprendizagem e da compreensão de todos os envolvidos nesse ciclo (CEPPI, 2013).

2.1 As diferentes linhas pedagógicas de ensino e suas influências no espaço educacional

Existem muitas formas de promover a educação, sendo essa um fenômeno histórico, multidimensional e principalmente humano, que engloba pontos técnicos,

cognitivos, emocionais, sociais, políticos e culturais. As ações pedagógicas estruturadoras do ensino-aprendizado dependem da abordagem utilizada.

Segundo Mizukami (1986), o modelo tradicionalista pedagógico decorre de uma prática que se perpetuou ao longo do tempo, assim carecendo de fundamentação, implícita ou explícita, de direcionamentos empíricos validados. Essa abordagem baseia-se na transmissão de conhecimentos, na qual a figura central é o professor, enquanto o aluno atua como um elemento secundário, que realiza as tarefas que lhes são passadas por autoridades externas.

A forma metodológica empregada consiste, em sua maioria, em aulas expositivas e demonstrações feitas pelo educador ao aluno, trazendo o conteúdo já pronto, cabendo aos estudantes apenas a observarem (MIZUKAMI, 1986). Para Nóvoa e Bandeira (2005) tal abordagem demonstra forte hierarquização no espaço interno das salas de aulas (Quadro 01), onde a organização dos assentos ocorre em fileiras, e ordenadas conforme grau de instrução dos alunos.



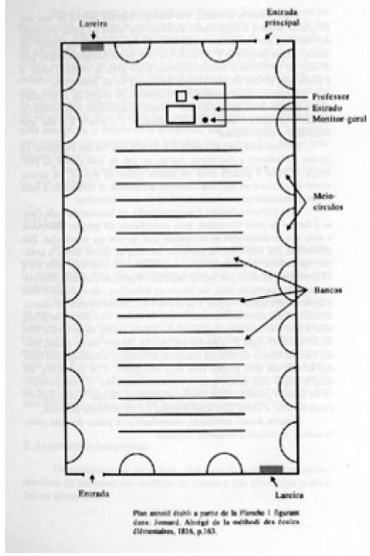
A partir disso, as metodologias posteriores passam a seguir uma visão mais humanista da educação, posicionando os estudantes como figura central do processo de aprendizagem.

Na pedagogia construtivista, é seguido o modelo de construção do conhecimento. O conteúdo não é fornecido em seu estado final, pronto para o consumo, como no modelo tradicional. Aqui, os estudantes constroem o conhecimento a partir de suas interações com o meio físico e social, sendo assim, dependentes da força da ação. Em decorrência, o professor executa o papel de mediador entre o conhecimento e o estudante, idealmente através do acompanhamento individual, o que ocasiona na acomodação de um número reduzido de alunos nas salas de aula (LEÃO, 1999).

Quadro 01 – (a): Ilustração da organização das salas de aula no ensino mútuo tradicional

(b): Imagem de salas de aula tradicionais na atualidade

(c): Esquema de planta baixa das salas de aula tradicionais de lancaster

<p>(a)</p>  <p>Disponível em: https://fazendopedagogia.wordpress.com/2017/06/16/tendencia-liberal-tradicional/. Acesso em: Setembro,2023</p> <p>(b)</p>  <p>Disponível em: https://www.portalmultiplix.com/noticias/educacao/com-aulas-suspensas-escolas-municipais-e-privadas-recorrem-a-internet-como-solucao. Acesso em: Setembro,2023</p>	<p>(c)</p>  <p>Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/FIGURA-3-PLANO-DE-UMA-ESCOLA-MUTUA-FONTE-LESAGE-Pierre-A-Pedagogia-nas-Escolas-mutuas_fig3_262752559. Acesso em: Setembro,2023</p>
--	---

Em escolas com esta abordagem pedagógica (Quadro 02), é comum a busca por ludicidade nos elementos construtivos, atribuindo aos espaços externos e internos componentes que incentivam o uso de brinquedos, e elementos que proporcionam ambientes interativos, assim estimulando o aprendizado (SOUZA, 2019). Além disso, as esquadrias podem ser dispostas de forma a instigar a interação entre os ambientes, e, de maneira menos ortodoxa, quebrar o aspecto de rigidez da sua arquitetura.

De acordo com essa prática pedagógica, os mobiliários devem ser adequados para a escala do usuário, atentando-se à ergonomia e visando facilitar a movimentação dos alunos de modo que possam modificar o layout dos ambientes para atender às suas atividades cotidianas (SOUZA, 2019). Sendo assim, esse formato possibilita a constante mudança espacial, melhor atendendo os estudantes e educadores.

Quadro 02 – Escola Construtivista – (a): Fachada da pré-escola do Colégio Britânico de Cartagena, Colômbia.

(b): Planta baixa do nível 3 da pré-escola do Colégio Britânico de Cartagena, desenvolvido pelos Arquitetos CR+A. Editado pela autora.

(a)



Disponível em:

https://www.archdaily.com.br/br/928293/pre-escola-do-colegio-britanico-de-cartagena-cruz-rodriguez-arquitectura/5db3a3dc3312fd223f00085d-pre-escola-do-colegio-britanico-de-cartagena-cruz-rodriguez-arquitectura-elevacao?next_project=no Acesso em:

Setembro, 2023.

(b)



Disponível em:

https://www.archdaily.com.br/br/928293/pre-escola-do-colegio-britanico-de-cartagena-cruz-rodriguez-arquitectura/5db3a3dc3312fd223f00085d-pre-escola-do-colegio-britanico-de-cartagena-cruz-rodriguez-arquitectura-elevacao?next_project=no Acesso em:

Setembro, 2023. Editado pela autora.

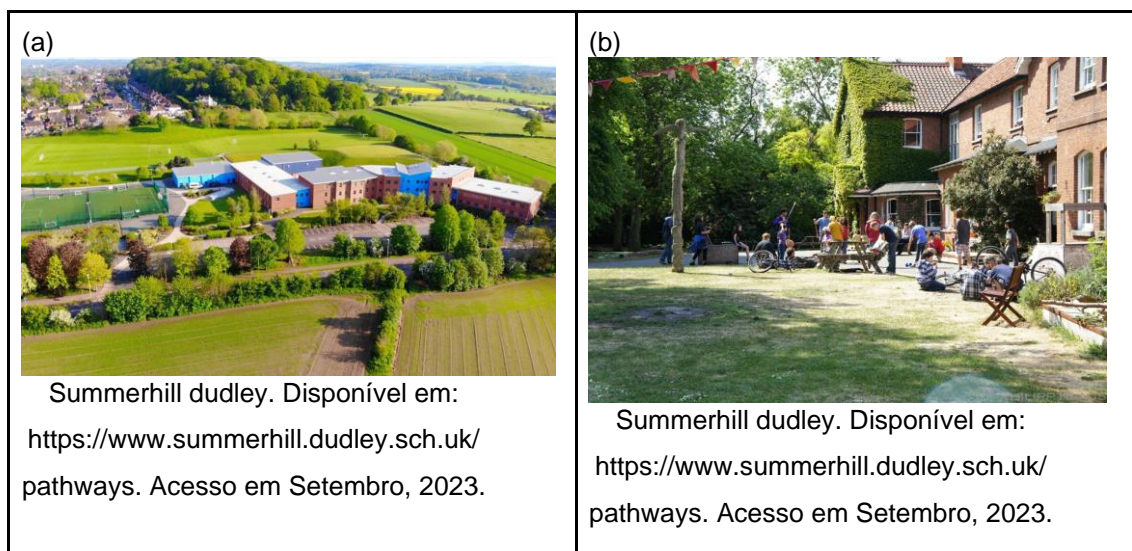
Na sequência, o método educacional utilizado pelas Escolas Democráticas, segundo a própria Comunidade Europeia de Educação Democrática (EUDEC), baseia-se na aprendizagem autodeterminada, sendo os próprios alunos que definem sua trajetória acadêmica, ao invés de uma grade rígida e pré-estabelecida.

Dessa forma, funciona como uma comunidade educacional pautada sobre esses princípios democráticos, onde tanto educadores como os estudantes e funcionários atuam na tomada de decisões, formando uma gestão participativa (APPLE; BEANE, 2001 *apud* AVELLAR; FERNANDES, 2018). Em decorrência, o modelo não apresenta uma educação seriada e as avaliações formativas são dispensadas.

Um exemplo de educação democrática é a escola Summerhill, localizada em Leiston, Inglaterra. Nesta instituição o ambiente educacional também conta com uma área de moradia para os estudantes, podendo ou não permanecer nas dependências da escola. Segundo o portal da Summerhill (2023), a escola oferece diversas atividades extracurriculares, sendo elas, aulas de música, banda, aulas de costura, jogos de RPG, atividades esportivas no geral, e contam com laboratórios de marcenaria, ciências, robótica e informática.

Sendo assim, como esse modelo segue um aprendizado no qual os estudantes ditam suas preferências, e variedade de atividades desempenhadas requer ambientes diferentes da escola tradicional, torna-se importante que as escolas apresentem espaços amplos e ao ar livre. O contato com a natureza é parte integrante de projetos desta vertente pedagógica (Quadro 03), e as salas de aula fornecem suporte para a realização das atividades integradas pelo programa.

Quadro 03 – (a) Vista aérea da escola Summerhill em Leiston, Inglaterra. (b) Estudantes desenvolvendo atividades no ambiente externo



O método Montessoriano, por sua vez, baseia a educação na vontade e atenção, na qual os estudantes escolhem os materiais que serão utilizados para a aprendizagem, favorecendo os aspectos da liberdade e individualidade. Para Kowaltowski (2011), essa linha pedagógica se fundamenta na harmonização entre as forças espirituais e corporais.

Nas escolas que adotam a abordagem montessoriana (Quadro 04), as salas de aula geralmente são espaçosas e possibilitam expansão, possuem abundância de iluminação natural, e faces que se integram ao ambiente externo, estimulando a liberdade das crianças para trabalhar ao ar livre. As salas de aula devem ser organizadas de maneira a permitir a realização de atividades em grupo, e os mobiliários são interativos, passíveis de movimentação e alteração de layout facilitada (ÁLVARES; KOWALTOWSKI, 2013).

Quadro 04 – Escola Infantil Montessori, Belo Horizonte. (a) Ilustração da disposição espacial de uma sala de aula montessoriana. (b) Imagem interna de uma sala de aula montessori. © Planta baixa desenvolvido pelo grupo Meius arquitetura onde apresenta a disposição de layout e circulações da escola.

<p>(a)((a))</p>  <p>(b)</p>  <p>Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/900876/escola-infantil-montessori-meius-arquitetura-plus-raquel-cheib-arquitetura/5b845e9df197cc78a400031d-escola-infantil-montessori-meius-arquitetura-plus-raquel-cheib-arquitetura-foto?next_project=no Acesso em: Setembro, 2023.</p>	<p>©(b(b))</p>  <p>Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/900876/escola-infantil-montessori-meius-arquitetura-plus-raquel-cheib-arquitetura/5b845e9df197cc78a400031d-escola-infantil-montessori-meius-arquitetura-plus-raquel-cheib-arquitetura-foto?next_project=no Acesso em: Setembro, 2023.</p>
--	---

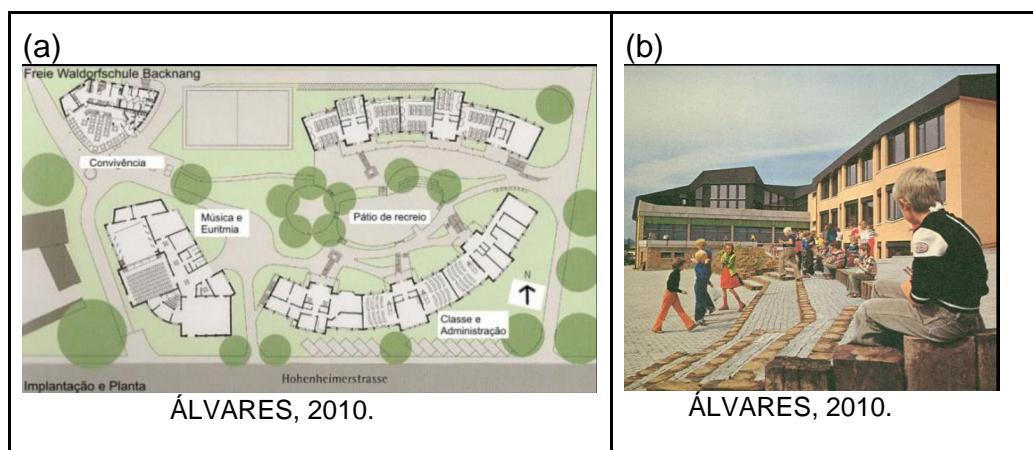
Por fim, a pedagogia Waldorf foi desenvolvida por Rudolf Steiner a partir da filosofia antroposófica. Uma das principais características desse modelo educacional é a busca pela harmonia entre corpo, mente e alma, em que se trabalha o pensar, o querer e o sentir. Para isso, as escolas Waldorf procuram suprir as necessidades das

crianças durante sua fase de desenvolvimento, trabalhando em atividades corporais, artísticas e culturais, e estimulando o contato com a natureza (KOWALTOWSKI, 2011). Tal linha pedagógica possui três princípios que norteiam a arquitetura dessas escolas, são elas: a integração, a correlação e a inspiração.

A “integração” faz alusão aos agrupamentos dos espaços e como são setorizados (Quadro 05a), o que torna o centro da escola um órgão vital das interações sociais, acolhendo a permanência das crianças neste espaço (ÁLVARES, 2010). A “correlação” diz respeito a capacidade de alteração e adaptação que o espaço deve permitir para atender às necessidades específicas do usuário, o que dá suporte para que o professor consiga aplicar as atividades (WONG, 1987 *apud* ÁLVARES, 2010).

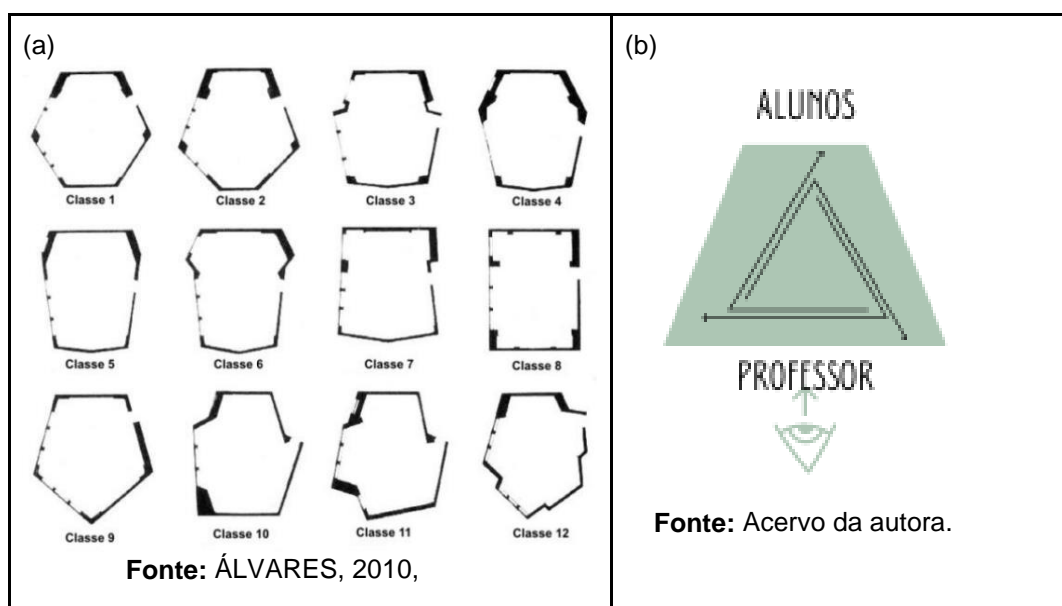
Já a “inspiração” (Quadro 05b), está presente para cultivar na criança o despertar da criatividade, ocorrendo através da manipulação de elementos visuais, cores, iluminação, organização, forma e a conexão com a natureza (ÁLVARES, 2010). Dessa forma, esses princípios para a arquitetura ajudam a trabalhar a imaginação, os sentimentos, o espírito e o intelecto do usuário.

Quadro 05 – (a): Implantação e planta da escola Freie Waldorfschule Backnang, mostrando o princípio da integração e correlação dos espaços. (b): Princípio de inspiração, explorando estímulos visuais e táteis. Escola Freie Waldorfschule Filstal.



As salas de aula na escola Waldorf devem apresentar características das funções ou dos ciclos que serão desenvolvidos ali (Quadro 06). Steiner defende o uso da planta em trapézio nas salas de aula, como forma de direcionar o olhar à prioridade, que seria os estudantes (OLIVEIRA; IMAI, 2015).

Quadro 06 – (a) Diferentes formatos de sala de aulas em escolas Waldorf, (b): esquema de direcionamento do olhar do professor ao aluno.



Em suma, observa-se que as práticas pedagógicas requerem diferentes especificações espaciais para a realização das suas atividades. Os espaços pensados e projetados para cada uma dessas linhas ajudam a potencializar a concretização do ensino e da aprendizagem de maneira fiel à teorização de cada organização metodológica.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As abordagens humanistas de ensino colocam os estudantes como figura central, priorizando o seu crescimento e desenvolvendo, as suas relações interpessoais, a sua individualidade perante sua realidade pessoal, atribuindo prioridade ao emocional, e assim capacitando os alunos para atuação e convivência em sociedade.

Assim como afirma Álvares (2010), os elementos arquitetônicos atuam ativamente no processo de ensino-aprendizagem enquanto há a interação da criança com o meio. Lanz (1998) também defende que a manipulação da forma traz força e

disciplina, potencializando o desenvolvimento da personalidade. Portanto, abordagens pedagógicas que priorizam a autonomia, liberdade, e incentivam o desenvolvimento de atividades esportivas e artísticas demandam características espaciais específicas para seu desenvolvimento, frequentemente extrapolando a estrutura física oferecida pelas escolas perpetradoras das práticas pedagógicas tradicionais.

Cada uma das linhas aqui discutidas possui suas particularidades, porém influenciam a arquitetura em alguns pontos em comum: requerendo capacidade de se executarem as atividades de maneira a subverter hierarquia professor-aluno, com atenção à fluidez e didática; demandam ambientes externos para integração de atividades em seus programas, por vezes trazendo a sala de aula ao exterior, e vice-versa, e também ao reclamar estímulo à apropriação do espaço e dos mobiliários, preferencialmente versáteis para oportunizar o aprendizado pautado nas próprias experiências.

REFERÊNCIAS

ÁLVARES, Sandra Leonora. **Traduzindo em formas a pedagogia Waldorf**. Dissertação (Mestrado curso de engenharia civil) - Curso de engenharia civil, Universidade de Campinas, Campinas, 2010. 139 p. Disponível em: https://www.fec.unicamp.br/~laforma/art/Alvares_SandraLeonora_M.pdf. Acesso em: jun. 2023.

AVELLAR, Simone; FERNANDES, Claudia. As escolas democráticas como possibilidade de construção de uma educação outra. **RevistAleph**, Rio de Janeiro, p. 9-23, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/39249/22684>. Acesso em: set. 2023.

CEPPI, Giulio; ZINI, Michele. **Crianças, Espaços, Relações**: Como Projetar Ambientes para a Educação Infantil. 1. Ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

ELALI, Gleice. O ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola–natureza em educação infantil. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, n. 2, p. 309-319, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/DFpfPmBzKqVDWNRbth7vtWN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: mar. 2023.

KOWALTOWSKI, Doris. **Arquitetura escolar**: o projeto do ambiente de ensino. São Paulo: Editora Oficina de Textos. 2011.

KOWALTOWSKI, Doris; ÁLVARES, Sandra. Programando a arquitetura escolar do futuro. **ENCONTRO LATINOAMERICANO DE EDIFICAÇÕES E COMUNIDADES SUBBARRACAIVEIS**, Curitiba, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/269200734_Programando_a_Arquitetura_E_scolar_do_Futuro. Acesso em: set. 2023.

LEÃO, Denise M. Paradigmas contemporâneos de educação: escola tradicional e escola construtivista. **Cadernos de Pesquisa**, n° 107, p. 187-206, julho/1999. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n107/n107a08.pdf>. Acesso em: ago. 2023

MIZUKAMI, Maria da Graça. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

NÓVOA, António; BANDEIRA, Filomena, coord. - **Evidentemente**: histórias da educação. Porto: Asa, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4810/1/9789724142142.pdf>. Acesso em: jun. 2023.

OLIVEIRA, Bruna. **ARQUITETURA ESCOLAR COMO ELEMENTO PEDAGÓGICO**: a relação dos espaços com as metodologias alternativas. 2021. 138 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Arquitetura e Urbanismo) - Centro Universitário UNIESP, Cabedelo, PB, 2021. Disponível em: <https://www.iesp.edu.br/sistema/uploads/arquivos/publicacoes/arquitetura-escolar-como-elemento-pedagogico-a-relacao-dos-espacos-com-as-metodologias-alternativas-autor-a-oliveira-bruna-melo-.pdf>. Acesso em: out. 2023.

SOUZA, Monique. **Arquitetura escolar**: o construtivismo na escola pública infantil. 2019. 97 p. Trabalho Final de Graduação (Bacharel em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade Anhanguera Salvador, Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.pgskroton.com/handle/123456789/42305>. Acesso em: ago. 2023.

YOUNG, Fiona; CLEVELAND, Benjamin; IMMS, Wesley. The affordances of innovative learning environments for deep learning: educators' and architects' perceptions. **The Australian Association for Research in Education**, Australia, n. 47, p. 693-720, 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s13384-019-00354-y>. Acesso em: abr. 2023.